

Juliana Vicente

Assim como Joana, do curta-metragem *Cores e botas*, torna-se fotógrafa para poder narrar suas próprias histórias, Juliana Vicente funda a produtora Preta Portê Filmes para ter liberdade de falar sobre suas visões de mundo em um território seguro. Ela segue nesta importante trajetória, descolonizando e afrontando o audiovisual brasileiro

POR **LUCIANA RODRIGUES** E **LINA TÁVORA**



FOTO: DIVULGAÇÃO

DIÁLOGOS COM RUTH DE SOUZA

INSPIRAÇÃO Como se deu a sua relação com o cinema? Seu interesse, suas referências, até a percepção do tipo de audiovisual que você gostaria de fazer

JULIANA VICENTE Eu cresci em uma cidade sem cinema, apesar de meu pai ver muito filme hollywoodiano. Eu lia muito, tinha um repertório complexo, não apenas vindo do cinema, mas possuía um interesse por vivências distintas da minha, pela arte em qualquer forma. Eu sempre fui do teatro. Eu me formei com 16 anos na escola e na hora do vestibular eu prestei Artes Cênicas na Unicamp [Universidade Estadual de Campinas], mas fui desencorajada pela minha família. Hoje entendo melhor as razões que os preocupavam. Fui prestar Administração Pública na FGV [Fundação Getúlio Vargas], depois Jornalismo e Ciências Sociais. Até que conheci a Lipcia, uma amiga boliviana que veio morar aqui e queria cursar Cinema no Brasil. Ela me convenceu que o curso de Cinema reuniria tudo que eu gostava. A possibilidade de fazer arte, pensar o mundo, comunicar ideias e promover transformação. Eu entendi e vislumbrei o que poderia ser. Então cursei Cinema junto com Letras.

“QUERER É PODER” Em *Cores e botas*, seu trabalho de conclusão de curso filmado em 2008, a protagonista Joana, assim como outras meninas de sua geração, sonhava em se tornar paqueta. Apesar de seus pais afirmarem que “querer é poder” (com trabalho duro e uma dose de boa sorte), o sonho da menina causa estranhamento por ela ser negra. Desestimulada, Joana desenvolve interesse por fotografia e muda de sonho, “optando” por ficar atrás das câmeras. Como foi o processo de definição dessa abordagem e da mensagem final do curta?

JV Essa frase “trabalhar duro e muita sorte” foi incorporada por gerações e gerações que estavam prontas para falar sobre meritocracia em um país com imensa desigualdade, no qual sabemos que não estamos partindo do mesmo ponto. Ela é da mesma família da “democracia racial” e, portanto, a meritocracia é sempre falaciosa se não estamos considerando iguais condições. É impressionante como até hoje as pessoas conseguem utilizar argumentos vazios para criticar as cotas, por exemplo, que na última década promoveram

uma mudança enorme nas possibilidades das pessoas negras brasileiras. Só não assimila isso quem não enxerga os negros do Brasil. Só não apoia isso quem não quer a promoção de igualdade no país.

A capacidade de se reinventar a partir do processo de exclusão e violência foi uma tecnologia talhada nos nossos corpos ou não estaríamos aqui. Contudo, não era mesmo esse o foco do filme, a capacidade de reinvenção. Senão a capacidade de recriar o olhar, deslocar, ao se perceber não sendo parte do grupo. Ampliar seu ângulo de visão, o que vai promover um olhar original, saindo das possibilidades que lhes são promovidas como deslumbrantes para encontrar por si o deslumbramento.

Quando a Joana vai para trás das câmeras, ela tem a oportunidade de narrar ela mesma a sua história. É quando pode, inclusive, narrar-se da forma que acredita, da forma que é. A gente sabe o que significa poder narrar uma história. O domínio da narrativa tem relação direta com todo o processo colonial do Brasil e com a forma que os nossos corpos foram forjados na história. Não é à toa que comemoramos a crescente presença de pessoas pretas no audiovisual. Fomos ostensivamente narrados como corpos-objetos, desprovidos de sensibilidade, desprovidos de subjetividade em detrimento da força física. Nós vivemos diariamente a consequência de uma narrativa hegemônica.

DIREÇÃO DE ATORES Como foi o trabalho com a atriz mirim, que tão facilmente poderia se colocar no lugar da protagonista Joana? Como foi a abordagem sobre temas como racismo e representatividade?

JV Eu conheci a Jhenyfer Lauren depois de fazer testes com 40 meninas. Ela entrou na sala e foi o teste mais difícil e, ao mesmo tempo, a menina que eu mais identifiquei como Joana. Era ela. Mas, ela fugiu da câmera e começou a chorar. Eu fiquei com pena, ela tinha 7 anos, e segui com os testes. Até que a Nalu Béco, produtora do filme, voltou perguntando se ela poderia ter uma segunda chance. Eu fiquei super emocionada, mas com crise ética, afinal ela não queria. Ela voltou, fez o teste e eu me apaixonei. Tra-

balhamos durante meses juntas. Ela, de Santos, vinha e ficava na minha casa, dormia comigo. A Jhenyfer era muito inocente e teve cenas do roteiro que eram inspiradas em coisas que eu mesma passei e que cortei porque eu não sentia necessidade de reproduzir com ela o choque que eu havia vivido. Como eu ter atravessado uma sala de aula enquanto gritavam “fora sua preta!”. Não acho que faça falta no filme. Então o processo foi lúdico. Foi com o tempo que as coisas foram ficando mais explícitas para ela, já com o filme rodando os festivais e etc.

Depois, quando achei que poderia ser bom ela estudar em escola particular, conversamos muito. A gente já sabia o que esperava por ela e, assim, eu propus: “não briga com as pessoas por racismo, dá um DVD e educa elas”. Ela tocou e levou 10 DVDs para casa... Dez dias depois, já estava pedindo mais. A gente ri dessa história, mas é triste de tão atrasada! Só hoje entendo que foi um encontro, ela se tornou minha afilhada. Hoje ela é produtora de cinema formada pelo Instituto Querô, em Santos. E também interpretou a Ruth de Souza na fase jovem, no meu documentário *Diálogos com Ruth de Souza*, que segue em festivais pelo Brasil e pelo mundo. Eu ganhei o prêmio de melhor direção no Festival do Rio por esse filme. A Jhenyfer estava junto e foi reconhecida por *Cores e botas* por muita gente.

PÚBLICO INFANTIL *Cores e botas* foi produzido há mais de uma década. Como você analisa a questão da representação de meninas negras no audiovisual brasileiro daquele tempo até agora?

JV Naquela época, não tinha praticamente nada de representação negra infantil. Nesse universo de cinema então, era mais difícil. Não só no cinema brasileiro, como no norte-americano. Quando eu fiz o *Cores e botas*, eu não conhecia nenhuma diretora negra no mundo! Não sabíamos da existência do filme de Adelia Sampaio e nem conhecia a Ava DuVernay. O universo infantil feminino, então, que continua super defasado, era realmente praticamente nulo.

LILI E AS LIBÉLULAS, OS SAPATOS DE ARISTEU, VACA PROFANA E QUEM TEM MEDO DE CRIS NEGRÃO? Dentre documentários e ficções, podemos perceber nos seus trabalhos

em parceria com René Guerra a recorrência em contar histórias de personagens travestis. Como ocorreu a escolha desses projetos e de que forma você acha que eles se relacionam?

JV Eu trabalho com o René desde o primeiro filme dele. Juntos, a gente atravessou processos intensos de transformação pessoal através do cinema. Fizemos o primeiro filme dele em parceria: *Os sapatos de Aristeu*. Conheci o René com ele me demitindo de uma produção a mando da FAAP [Fundação Armando Álvares Penteado]. Um filme de estudante que eu estava querendo organizar demais, segundo eles. René foi me demitir de um trabalho voluntário, viu o que eu tinha feito e amou. Então me convidou para trabalhar com ele (para o terror da faculdade) e nunca mais nos desagradamos. Na faculdade, eu dizia o que ninguém queria falar: as pessoas se formavam sem saber cinema. Eu estava no primeiro ano e fiquei chocada com isso.

René me contou d’*Os sapatos de Aristeu*, e lá conheci minha grande amiga Phedra D. Córdoba, que agora nos acompanha de outro plano. Depois fizemos *Cris Negão*, que partiu bastante da relação com o medo. Em seguida, *Vaca profana*, no qual tratamos da maternidade travesti, e agora finalmente lançaremos *Libélulas*. Começamos o processo dos *Sapatos* em 2006. Nessa época ninguém falava sobre esses corpos, sobre a memória desses corpos. No processo do filme, a gente conheceu travestis maravilhosas, que se tornaram família e que fazem parte da nossa vida. Foi um caminho natural cada dia ir avançando na conexão com os desejos e com a humanidade desses corpos invisibilizados. Em *Vaca profana*, Nadia é travesti e quer ser mãe. E ela é mãe. René chama a Preta Portê Filmes de quilombo cinematográfico, e a cada dia entendo e respeito mais esse espaço.

DESCOLONIZE O PENSAMENTO A série documental *Afronta* entrevista artistas negras e negros contemporâneos, numa perspectiva pessoal, abordando passado, presente e futuro. Negros e negras no audiovisual ainda é uma afronta?

JV Veja, a gente ainda precisa se narrar muito. Não tenho como dizer a quantidade de vezes que respondi a pergunta: “onde você encontrou essas pessoas?”

Bom, ali sim tem um recorte de pessoas muito interessantes mesmo, mas tem muito mais, dá para fazer muitas temporadas. No audiovisual somos muito poucos ainda, mesmo crescente e potente como está. Gerar nossas narrativas atravessa ainda outras coisas, além de poder dirigir ou roteirizar o filme. É necessário que sejamos os detentores das nossas obras para além da assinatura artística. A questão patrimonial pode influenciar bastante na decisão do corte e também na possibilidade da gente crescer no audiovisual. É minha visão, acho importante ter autonomia com as nossas obras, sempre que possível.

HONRAR A HISTÓRIA Trazer Ruth de Souza e sua trajetória para a tela como combate ao apagamento da história das mulheres negras. Como foi construir esse diálogo entre registros, memórias e desaparecimentos?

JV O processo de documentar a Ruth não foi um processo tranquilo e fluido. Ao contrário, ele foi bastante difícil. Passei por momentos profundos de angústia, de buscar entendimento de qual caminho seguir, de espelhamento, de medo, de assistir ao envelhecimento e suas limitações, de acessar muita raiva por uma série de coisas que ela passou e depois transformar isso a partir de todos os dispositivos que tínhamos. Além disso, senti necessidade de criar ainda mais uma camada transcendental para dar conta de abarcar um diálogo ancestral que não se dava de forma objetiva. Senti muita responsabilidade nesse processo porque eu fiquei com um sentimento de uma série de injustiças, mas ao mesmo tempo queria conseguir focar na força da Ruth e não deixar que as mazelas tomassem conta da narrativa. Não poderia deixar que essas questões fossem maiores do que a grandeza de uma atriz e de uma mulher que era muito inteligente e perspicaz. Acessar a ironia da Ruth foi um processo de apaixonamento para mim, que acredito que esteja explícito na obra.

PRETOS NO STREAMING Da negociação com a Netflix à produção do documentário *Racionais: Das Ruas de São Paulo pro Mundo*, quais foram os marcos positivos e as maiores dificuldades?

JV Chegamos à Netflix com um corte bastante avan-

çado do filme, já existia uma história. Mas claro que, com a parceria da Netflix, pude melhorar isso, apurar, filmar outras coisas que deram uma nova visão ao filme. A negociação foi longa, mas conquistamos um espaço de muito respeito em relação ao que queríamos fazer e a como eu queria construir o filme. Senti meu processo criativo absolutamente respeitado e, embora sem dúvida tenha sido uma forma particular de trabalhar para a equipe da Netflix, acho que provamos que era uma forma possível. Foi uma experiência boa para ambos os lados.

PRETA PORTÊ FILMES Como foi a construção de uma empresa que tem como foco a diversidade, o afeto e a vocação social?

JV Eu amei a pergunta porque demonstra que estamos fazendo um bom trabalho. Espaço de afeto com certeza, sempre foi importante. Eu abri uma produtora quase pelo mesmo motivo que Joana (*Cores e botas*) resolve ser fotógrafa - acabei de fazer essa analogia. Eu trabalhei em produtoras maiores e para mim era muito claro que não poderia ser diretora, narrar minhas histórias no território deles. Aconteciam muitos absurdos e era bastante explícito que esse espaço não seria aberto para alguém como eu. Isso foi há 14 anos, ninguém estava pensando que era necessário ou legal ou *cool* ou obrigatório ter uma diretora negra na produtora, nem pedir nossa opinião quando era sobre nossas vidas, era um outro momento. Então a Preta Portê Filmes nasceu para ser esse espaço de criação que abarcasse as nossas narrativas, as narrativas que ninguém estava querendo contar. Oficialmente a Preta Portê Filmes foi fundada por mim em 2009, então em 2024 completa 15 anos.

PROJETOS FUTUROS Você tem interesse em desenvolver outros projetos para o público infantil? E de forma geral, quais são os próximos projetos?

JV Os próximos projetos da Preta Portê Filmes serão meu longa de ficção *Cores de maio*, que é de certa forma continuação de *Cores e botas*, além de séries documentais e de ficção. Estamos trabalhando bastante e temos alguns projetos infantis. Sobre tudo agora que sou mãe da Amora, que tem 2 anos, sinto ainda mais necessidade de falar com esse público. ■